

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº89 - MARÇO - PORTO VELHO, 2003
VOLUME VI

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
ARTUR MORETTI - Física
CELSO FERRAREZI - Letras
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação
MARIO COZZUOL - Biologia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

89



MESTRE AMBRÓSIO

CLODOMIR SANTOS DE MORAIS



Clodomir Santos de Moraes

Professor de Sociologia Rural

jacintaclodomir@hotmail.com

MESTRE AMBRÓSIO

Mestre Ambrósio, naquele dia, chegou cedo, sol-entrando. Antes, quando deixava a roça, no Zé Araújo, o dia já estava turvo, boquinha-da-noite. O trabalho se mostrava cada dia mais pesado. É bem verdade que a derribada, a queima e o destocamento foram trabalhosos do que o plantio e a limpa. Mas a idade, sessenta e três janeiros, não mais o ajudava a reagir ao cansaço. Além disso, ele se desabituara do cabo da enxada em meio século de existência.

Dos seis aos quinze anos ajudou a mãe, camponesa e viúva, no sustento de seus irmãos. Apesar de pequeno, menino ainda, a enxada ou o machado não lhe causavam tanto desânimo. Tinha até muito entusiasmo na lavoura da terra.

- A terra - ele sabia e repetia sempre - é o nascente de tudo quanto existe. Basta ser trabalhada para produzir trutos, riquezas. Riqueza é a casa do Coronel Zé Afonso, é o dinheiro do coronel Zé Afonso, o gado, a loja, o depósito de cereais e as fazendas dele.

A mãe é que lhe virou a cabeça e o destino mandando-o para a tenda de mercearia de Terto Serrote, pai de Erminio Maleiro.

- Quero filho meu na enxada, não. Tu vai é aprender um ofício. Quem veve cavando o chão, da cova não tá longe. Quero não. Serrá pau pra fazê trepeça dá mais dinheiro.

Durante dez anos trabalhou na enxó, no cepo, no formão e no serrote. A arte, todavia não expulsou a fome de dentro de casa. Serviu, entretanto, para reduzir os gastos do enterro da mãe e de dois irmãos, cujos ataúdes ele mesmo, Ambrósio de Siá Pretinha, confeccionou de coração partido.

Nas horas de folga, à noite, lamparina de azeite na mão, o preto de vinte e cinco anos começou a solfejar exercícios musicais da Filarmônica 6 de Outubro, recém-fundada pelo Coronel Bruno. Tinha tendência para o saxofone e sonhava com esse instrumento. Influência das serenatas. Ademais, esse, como outros instrumentos de sopro, era novidade no lugar. Tudo de adiantado que se conhecia nesse terreno se resumia no berimbau de Balduíno, o violão de Sérvulo, Pai de Mané Jegue, e a sanfona-de-oito-baixos de Simão Viajante. O resto era viola, o pífe-de-taboca, o ganzá, o zabumba que desde o começo do mundo existem.

O surgimento da filarmônica da Santa Maria da Vitória, em 1906, fez revolução em toda a Bacia do Rio Corrente. Outras, nos lugares vizinhos, apareceram também com nome de datas do nascimento dos fundadores.

Era chic ser músico da banda. Não pela música que nada rendia, mas, principalmente, pelo direito de ter uma farda, coisa que então era privativa das autoridades, soldados da polícia e patentes da Guarda Nacional. Mais precisamente, só se concebia farda nos coronéis Zé Afonso, Bruno Martins da Cruz, Sebastião Laranjeiras, Clemente de Araújo Castro, José Borba, nos capitães Ernesto Branco, Henrique de Castro e no soldado Ferreirinha Delegado.

A Seis deu a todo mundo acesso à farda. E era fascinante aos olhos dos jovens aqueles instrumentos de cobre, ouro-de-mentira, fabricados em Turim, lugar tão longe, a que somente o pai de Seu Argemiro Filardi, que era estrangeiro, poderia se reportar.

O preto da finada Pretinha, com pouco tempo, além de mostrar embocadura para a palheta e o bocal, passava Quinau no regente, quando este não marcava com precisão um compasso cheio de fusas e semi-fusas.

Não tardou ser convidado, modesto ainda, para pegar a 15 de Novembro - filarmônica - Vitória, da correntina política contrária do Coronel Clemente.

- Não houve melhora, mode não ter serventia mudança de política. O homem que não é severgonho, nascendo monarquista, morre monarquista na lei de Deus, ainda que seja lutando cuma Antônio Conselheiro.

Era ciuada, inveja de Firmino Cabelereiro que gastou dois anos para aprender tocar pratos e, mesmo assim, ainda errava nas valsas e nos maxixes.

De Ambrósio de Siá Pretinha passou a Mestre Ambrósio. Mestre duas vezes: da marcenaria e, principalmente, da banda. Embora quase nada lhe rendesse o novo carco e até lhe prejudicasse as encomenda da marcenaria pobre, ele o encarava com responsabilidade.

Os meses subsequentes lhe foram de provas. Teve que sacrificar a marcenaria e por conseguinte, o estômago, a fim de não falhar no ensaio da artinha a vários discípulos, alguns dos quais rudes, com muito entusiasmo, mas sem maior inclinação para a música. Não havia livro. O único compêndio conhecido era a artinha, copiado de mão em mão por gerações de aficionados da música. Vários discípulos, semi-analfabetos, mal podiam copiar a artinha.

O ensino era uma novidade para Mestre Ambrósio. Mas venceu os obstáculos que ocorrem sempre na formação ou na ressurreição de uma filarmônica de lugar pequeno e atrasado, superando-os todos.

Ajeitou Zé Neto no bombardino, Henrique e os rapazes de Jão Lampião nas trompas Joãozinho de João Barros e Toin de Seu Bento no clarinete e Tonil no pistão; João Boca-Velha na marcação; Tião de Amanda nos pratos; Celso Afonso no trombone; Cessin no barítono Francisquim Fiscal no bombo e assim até completar as dozoito figuras.

Foi um sucesso, na quermesse de 1932, o seu trabalho de meses. Jão Guará, mestre das Seis, que duvidou tanto da empreitada de Mestre Ambrósio, ficou com o rabo entre as pernas.

Todo um passado de dificuldade compensado por alguns momentos de satisfação. Mestre Ambrósio cascavilhou minuciosamente naquela dura tarde, como se o cantasse saudoso, ao ritmo da enxada fustigante.

Já esitava velho e jamais pensara em ter um ocaso tão infeliz, tão triste.

O destino - era fatalista - lhe reservara para a década de quarenta, fim da vida, a injustiça de seus amigos, a desmoralização e resultante desta, um enclausuramento compulsório, dentro de uma tapera de onde só saía para a roça distante, de madrugada.

A lavoura, se bem que pesava para um desabitado naquela idade, era-lhe duas vezes útil Furtava de um doloroso isolamento dentro de um mocambo de pobreza pungente, onde dois pretinhos nus e cheio de lombrigas roíam cacos de telhas, torrões de barro, ao lado da mãe, pobre rendeira que arrancava dos bilros a farinha e os restos de açougue a se consumir na semana; enquanto, do mesmo modo, ajudava a participar da feira semanal daquela única pessoa amiga que não negou solidariedade moral, um pedaço de chão para dormir e um coité de passoca, naquela quadra ruim por que estava passando.

O abalo moral que sofrera foi demasiado grande para um preto de vergonha, idoso e até então conceituado. Temia os olhares de três mil habitantes estarecidos e inconformados com o ocorrido. Por isso, partia cedo e chagava sempre tarde da tarefa e meia de mandioca, milho, feijão, abóbora e melancia que plantara.

Do mocambo onde se enfiara na ponta da rua de Siá Francisca, ouvia repetirem-se as notas distantes de um ou outro discípulo executando em casa a passagem de algum dobrado. Era uma lição que ele já não tomaria no ensaio noturno da Vitória.

Às vezes, se protegendo da escuridão, rodeava os quintais dos mocambos de sua ruazinha pobre, passando pelos fundos de Binigo Feiticeiro, Chico de Bazílio e de Zé-Boca Barbeiro, para , do Alto do Menino Deus, ouvir melhor, lá de baixo, beira-rio, o ensaio da Vitória.

Casais românticos que venciam a ladeira do Beco de Manuel Afonso, à procura da enorme alcova soturna e sombria do morro, vai não vai, se surpreendiam com a tosse daquele vulto solitário prostrado ao pé do cruzeiro da igreja. Era Mestre Ambrósio, esquivo sempre, quando se-lhe-aproximavam pessoas inadvertidas.

O ensaio terminava e Mestre Ambrósio permanecia absorto até o piscar dos últimos candeeiros, revivendo o passado de tudo e de todos e maldizendo o seu próprio destino

- João Guará. Êh! Foi quem fez mais figura nesta Santa Maria da Vitória. Bom músico e regente de mão cheia. Não só regia e tocava todos os instrumentos como compôs os mais belos dobrados da Seis: o Joaquim Afonso, o Claudelino Coimbra (dobrado cadu) e o próprio Seis de Outubro. Grande dobrado que até o bombo e a caixa solam emparelhados com o pistão. E o maxixe que foi estreado, em trinta e três, no casamento da filha do finado Epifânio? Magnífico! executado do começo ao fim com passagens.

Todas as obras perdidas. Partituras comidas pelo cupim nestas últimas veze que a Seis de Outubro esteve encaixotada. Ninguém se lembra mais dessas peças de João Guará a não ser Otoniel de Dona Flormina, quando vem da tenda de alfaiate de Nezim Lisboa, assobiando. Menino de cabeça boa, guarda tudo. Fiz o possível para atrair Otoniel. Seria bom no contrabaixo. Seu Norberto e dona Flormina, entretanto, querem que ele seja somente alfaiate e pastor adventista. Afora Otoniel, só Alcide Papagaio-Fazedor-de-Bolsas se lembra dessas obras antigas. Alcides assovia os trechos mais difíceis do Dobrado Cadu sem errar na passagem do tom para o maior, variação que existe entre o trio e o retorno à introdução.

Maior do que João Guará só mesmo Pedro Leita, que compôs o dobrado de David Gomes, Dobrado Contínuo, pois o dono desejava que ele fosse tocado até o fim da Seis. E era bom no dobrado, maior ainda na composição dos cateretês, maxixes, valsas, serenatas, cançonetes, etc.

Fôra quem deu um banho de civilização nos músicos do lugar, falando em violino, piano, harpa, sarusfone, harmônio. Nunca vira um som desses instrumentos da capital e grandes centros, mas o lera numa revista foi o suficiente para aprender. Muitos dos seus discípulos duvidavam da existência de semelhantes invenções.

Não consebiam alguns a possibilidade de, em um só instrumento, se trabalhar com duas chaves, a de sol e a de fá.

- É conversa de Pedro Leita, gente. - dizia, duvidando, Josias França-irmão-de-Arlindo-Cego. Existe o quê! Quem é que tem mão pra mexer nas oitenta chaves de um piano? Demais, pelo que ele próprio diz, isso não serve pra banda devido o peso. Da harpa eu até não duvido pois a Bíblia fala nela. O resto deve ser exagero.

A dúvida de Josias persistiu, mesmo depois que chegou a Santa Maria a vitrola de Seu David tocando música de piano, conforme anunciava, no início do disco, a Casa Edson do Rio de Janeiro.

Anos depois, tanto os descrentes como o próprio Mestre Ambrósio puderam, maravilhados conhecer o piano através do cinema mudo de Seu Honor-de-Coló-do-Padre Othon.

Noite adentro, enquanto a cidade lá em baixo dormia, no Alto do Menino Deus, Mestre Ambrósio buscava reminiscências para esquecer o momento difícil que atravessava. De vez em quando, retirava detrás da orelha o cigarro de palha para espantar as muriçocas e o sono.

Queria continuar pensando em tudo, em toda gente, menos em si mesmo. Pedro foi quem mais lhe causou inveja.

- Esse era mestre mesmo - confirmava sua consciência. Mestre no instrumento e mestre na composição. Fazer o que ele fazia, ler de primeira vista uma partitura; copiar como nu ditado, o assovio de uma serenata, está pra nascer homem em Santa Maria.

Morte Coronel Bruno. As Seis encaixotadas há quatro anos. Com o fracasso das eleições de 1934, o coronel Bruno perdera na política e, por isso, a Seis, que ele fundara, nunca mais tocou.

Os músicos, uns ficaram velhos, outros se retiraram para São Paulo na idade de procurar emprego e os que ainda ficaram perderam a embocadura com a falta de tocatas e a queda dos dentes. Não restava quase ninguém. Só os instrumentos. Mesmo assim, todos. Alguns furados, remendados de cera, sabão, elástico, e outros, os de palheta, com abafador de pano. Era uma lástima. Dava pena, tudo se perdendo no azinhavre.

Desde de trinta e seis que Seu Bruno já estava caducando e ninguém se incomodava com a Seis prevenindo a necessidade de ela ter que acompanhar o velho à sepultura.

Riquíssimo e caduco, havia quem afirmasse o ter visto na privada se limpando com pelega de quinhentos mil réis. Dias contados, só chegou aos oitenta e cinco anos, quando, em um dia de julho de trinta e oito, a cidade acabou o almoço com a notícia: Seu Bruno está morrendo. Morrendo de devera.

Para não agourar o moribundo, nenhuma providência foi tomada no sentido de solenizar o seu funeral. Nem da feitura de atúde se cuidou. Mesmo assim - previdentes como sempre - Seu Hermínio Maleiro mais o irmão, Chico de Didi, escolheram, no Tamarindo de Cima, as táboas de cedro.

Quando Siá Maria de Seu Bruno, criada dele e que lhe botou a vela na mão, anunciou, às 16 horas, o último suspiro, correu gente por todo lado. Uns para mandar Cândido Bedocha bater o sino; outros para encomendar o caixão. Teve quem convocasse Joaquim Bodeiro, Simão Pilérico, Nemésio Contador-de-Causos pra sustentar a sentinela, a noite toda, com as estórias e anedotas mais novas. Teve quem arranjasse logo Siá Coleta-de-Isidro, Siá Maria Teodora-de-Purnié, Siá Celina de Mariinha de Otacílio e Siá Valentina Voz-de- Homi, conecidas carpideiras e razadeiras dos ofícios, do lamento das almas, das incelenças e da encomendação de defunto.

Teve quem tratasse de areiar a espada e desencavar sua farda de coronel da Guarda Nacional roída de traça. Teve gente pra tudo. Mas só à noite é que se lembraram da Seis.

Foram buscar Pedro Leite na casa de Zé Cigarrista. Estava bêbado, dormindo. Tinha que se ressuscitar a filarmônica ja e já.

Seria a pior das desgraças o coronel não ouvir a marcha fúnebre das Seis no último adeus. Inconcebível. Mas, cadê músico? Era impossível tentar-se o pretendido. E o desânimo tornou-se maior quando se descobriu que a papeleta da marcha fúnebre o cupim havia comido. Pronto: acabou-se a esperança.

Pedir músicos à Vitória, ou tentar tocar a marcha dela, seria uma desmoralização política sem precedentes que fazia apavorar os correligionários do morto. A Vitória de Seu Clemente ter que tocar no enterro de Seu Bruno, era uma hipótese que ninguém se aventurava considerar. Seria uma traição inominável e com morto não se deve brincar.

Com a notícia e a convocatória, Pedro Leite se tornou lúcido imediatamente. Conhecedor da real situação da Seis, não perdeu tempo em entender, de pronto, ao chamado. Mandou o portador dizer que fossem remendados os instrumentos para ver se estavam em condições de uso. Os ferreiros Antóin Pessoa, Evaristo ferreira e João Ferreira cuidariam dos consertos, distribuindo-os, logo, a cada músico bom ou ruim que ainda restasse.

Um candeeiro fifó, uma pena de alumínio, um tinteiro de tinta sardinha e uma garrafa de cachaça ajudaram Pedro Leite na composição da nova marcha fúnebre.

Era terminado de compor os solos de clarinetes e mandando Cadú de Chico Coimbra e Zezito-de-Quinca-Afonso ensaiá-los em casa; a parte de contrabaixo para Vadim de Josias Irmão-de-Arlindo-Cego; a do pistão para João Lima. Depois da meia noite despachou as partes dos saxofones para Jaime de Maria Vitória e Quinca Ataíde; a de soprano para Chico de Guarany; a do trombone para Otacílio Carvalho; as das trompas para Jaime Coruja e Calixto de Severina Dona Bú , a da

riquita para Tonhá de Zé Pau, a do bombo pro Aristóteles a assim por diante. A última foi a de Lauro-de-Zé-Sobral porque este executava qualquer música de primeira vista, por mais acidente que tivesse.

Ninguém dormiu com os toques dos instrumentos, noite adentro, um nessa, ou na outra rua. Aqui um desentoadado, acolá outro descompassado e todos zuadentos na abstinção dos seus executantes sem embocadura, ou sem dentes, ou ainda com dor de dentes; dedos entrevados sem treino, testando os instrumentos com a frase musical do-mi-sol-do-sol-mi-do, que os capadócius traduziam em eu-u-ri-nei-n'ú-ri-no. Para completar, cantorias tristes dos ofícios ao ritmo do serrote , do martelo, noite velha, na labuta do caixão, trinta metros de fundo.

Na sentinela risadagem alta dos causos e anedotas. A cidade não dormiu. Nem cochilar pôde.

Antes do maio dia os músicos foram reunidos para o ensaio geral.

Mais um dedo de tinta na harmonia e a Seis respirou de novo. Era a marcha fúnebre mais fúnebre, mais triste que já ecoou naqueles rincões do Rio Corrente. Músicos houve que temiam o enterro, já que no ensaio a lágrima sufocava o sopro. Com efeito, no Cemitério de Santa Verônica, o Cemitério Novo, foi tão grande a choradeira que ninguém desatou o nó da goela para pronunciar a ode mais simples e costumeira e sem rima:

Deus o leve, leve e tranqüilo
como o incenso de turíbulo.

Pedro Leite alcançara o máximo. Foi exigida nova execução da sua marcha fúnebre no retorno da banda à casa do morto. Novo aguaceiro de lágrimas. Só depois disso é que o povo veio sentir que Seu Bruno havia morrido mesmo. Desceu sobre a cidade uma tristeza de cemitério. Muita gente foi dormir cedo por não ter vontade de conversar. Seu Bruno parecia estar em todo canto, em toda a casa. Não ficara no cemitério, na sepultura. Descera o morro da Lavandeira, acompanhando a Seis, na marcha fúnebre de Pedro Leite. Surgiu até quem jurasse o ter visto, madrugada, acordando os músicos para um novo ensaio. Da mesma forma que aconteceu na morte do coronel Barbosa Laranjeira, a Vitória havia acompanhado o enterro, fardada e pronta para tocar a sua própria marcha fúnebre, na hipótese da Seis falhar não lhe sobreveio, desta vez, essa oportunidade e, por isso, Mestre Ambrósio, o regente, teve sua vaidade ferida. O espírito do velho coronel o perseguia.

Superstição besta - repelia sempre - que nos insucessos lhe vinha à cabeça. O coronel Bruno não o perdoaria, mesmo depois de morto, o fato de ter trocado a Seis pela Vitória.

Ninguém mais se lembrava disso, porém era só no que pensava Mestre Ambrósio toda vez que a Vitória sofria alguma derrota, ou perdia a ocasião de fazer bonito. De resto, os seus próprios azares pessoais ele atribuía a alguma praga que Seu Bruno lhe houvesse rogado, em vida. Julgou haver perdido por completo o receio , após a morte deste.

Supôs que a Seis fosse desaparecer definitivamente. Seu Bruno morto, morta a Seis.

A Vitória, que sempre apresentara melhor conjunto e mais harmonia, criou o vulto e o mestre pontificou na labuta.

Muitos fatos contribuíram para transformá-la na melhor filarmônica da região. Um deles, o principal, foi a construção do navio Alfredo Viana, de propriedade do coronel Clemente de Araújo Castro, chefe político local, fundador e mantenedor da Vitória.

Lutando contra a política monopolista do transporte fluvial exercida no Rio São Francisco e afluentes pelas três companhias, a Bahiana, a Mineira e a Indústria Viação Pirapora, Clemente Araújo, criador e industrial (apesar de tido como prefeito violento e voluntarioso, era progressista e arrojado), resolveu construir um navio moderno para atender ao transporte no Rio Corrente. Vendeu quase todo o gado que possuía, mas o fez. Máquinas a vapor vindas da Europa foram montadas sobre um casco construído no Estaleiro da Ilha do fogo em Juazeiro Oitenta toneladas nos seus porões e podendo arrastar mais duzentas em chatas anexas.

Dispondo de uma indústria de madeiras, o coronel Clemente achou menos dispendioso fazer os camarotes, convés e madeiramento em geral lá mesmo em Santa Maria. Para tanto, contratou numerosos operários locais e de outras cidades do São Francisco, dentre os quais o próprio regente da Vitória, Mestre Ambrósio, cuidadoso tanto na música como na mercearia. Joaquim Bento, carpinteiro fino vindo de Minas Gerais, era o chefe da obra.

Foi uma quadra feliz para Mestre Ambrósio. Vislumbrou-a em todos os detalhes. Além de um salário de merceneiro, pequeno mais certo, os novos músicos propiciavam-lhe perspectivas extraordinárias para transformação da Vitória na maior banda de todo o vale sanfranciscano.

- Só seria inferior às filarmônicas de capital e à Euterpe de Juazeiro, assim mesmo, apenas no número de fdiguras. Sonhava, consciente de sua reconhecida capacidade, o Mestre Ambrósio.

- Transporte de graça - não raro dentrava - a banda poderia fazer uma excursão pelas cidades grandes, Barra, Pirapora, Januária, Remanso, Juazeiro, Petrolina, etc.

Era a glória culminando-lhe os últimos anos de vida. Festejava-a po antecipação aos goles discretos de cachaça.

No meio do operariado de fora havia inclusive novidades: um flautim do genro de Joaquim Padeiro e um clarone de Rau Montes Claros. Com os novos, a Vitória somava trinta figuras. Um estouro. O coronel Clemente, ao ouvir-lhes os ensaios, se orgulhava de tudo: da banda, dos músicos e do Mestre Ambrósio e sempre dizia que banda de música é que nem mulher-dama, só funciona se lhe der dinheiro. Sem dinheiro a banda não toca. Repertório novinho em folha com dobrados vindos da capital do Estado.

Os adversários políticos, os de baixo, correligionários do finado Bruno, escolheram má hora para ressuscitar a Seis. Era para ela não mais reaparecer, porém o sorteio de Joaquim Inácio de Oliveira ("Joaquim Bodeiro") para o festeiro do Divino Espírito Santo acelerou o processo.

Músicos, se muito ainda restasse, uns cinco. Nem maestro tarimbado possuía. Todo mundo tinha se mudado, ou por insegurança política o por falta de ganha-pão, de emprego.

Lauro Sobral era a salvação. Desde mocinho já se mostrava bom músico e meio maestro. Bom de embocadura e bom na interpretação. Só o pai Zé Sobral Sapateiro e Josias França foram maiores que ele no bombardino. Lia de diante-para-trás e detrás-para-diante qualquer partitura. E, ademais, compunha sem necessitar de instrumento.

Com dois meses passou dez discípulos da artinha para o solfejo e do solfejos para os instrumentos.

- Só sendo milagre! - refletia, ameaçando, Mestre Ambrósio. E só não lhe voltava o pesadelo da praga do velho Bruno porque ele reconhecia a fraqueza, melhor ainda, a tibieza da Seis: instrumental velho, furado; repertório antigo e, de resto, músicos, além de poucos, imaturos e sob a inexperiente batuta de Lauro Sobral.

Para completar, este, Lauro, repentinamente, foi atirado à rede por uma hemiplegia de origem só explicada pela carga de sífilis que afirmara ter adquirido nas aventuras do mundo. Era um condenado à morte, moço ainda, trinta anos, quando terminava um dobrado que, só postumamente, recebeu seu nome. O desespero e a neurastenia proveniente da frustração que a paralisia parcial provoca não lhe permitiam prosseguir, ainda que ditando, a composição de um repertório imprescindível ao sucesso da Festa do Divino e da própria Seis.

Esforços perdidos. Músicos jovens, entusiasmados apesar de inseguros, mas sem maestro só com quatro dobrados: o de Lauro, o Crepúsculo, o Rosicler e o Avante, Camaradas, de Antoninho Espírito Santo, antigo e demasiadamente batido. A falta de maestro foi suprida logo por Quinca Ataíde e os ensaios prosseguiram.

Se houvesse um encontro de rua, a Seis seria fatalmente massacrada. Era fácil constatá-lo nos simples ensaios das duas bandas de música. Temiam-nos os opositoristas.

Mas, desta vez, Mestre Ambrósio não colheria os louros da Vitória. Todo o seu modesto castelo de cartas desabara desastrosamente. Havia dois meses, amargava o azar que a sorte cruel lhe reservara para o fim da vida.

Quantas vezes, na roça, desejava uma picada de cobra venenosa. Trocaria o infortúnio a que foi atirado pela desgraça que se abateu sobre Lauro Sobral, a paralisia do lado esquerdo com boca torta e tudo.

Uma calúnia fundada em plano bem urdido levou o coronel Clemente a admitir, sem sombras de dúvidas, que Mestre Ambrósio houvera furtado um alicate do almoxarifado do navio. Fora fácil concluí-lo.

O preto anda bebendo muito antes de receber o salário - dizia um acusador - e ainda paga para os amigos. Quando, no revistamento, mexemos no bolso dele já era quase certeza encontra o alicate. Não achei exagero nos nomes que o coronel usou pro velho, não. Ladrão é ladrão mesmo. É nome que serve pra cabelos preto e pra cabelos brancos também. Basta pegar o que é dos outros. Ele teve sorte que não foi nem pra cadeia... Lá fora, seria negócio pra um ano de chá-de-grade.

Nem uma e nem outra alternativa, entretanto, Mestre Ambrósio preferiria no momento em que ouviu o dono do navio e dono da banda, colérico, lhe expulsar das duas coisas.

Se tivesse morrido ali mesmo, tudo teria se passado rápido, sem grandes sofrimento, já que a dor da honra é maior que a dor da morte. Nem assim a sorte lhe foi condescende.

Após ouvir, na frente de todos, os insultos mais duros e brutais saiu, cego de vergonha, sem rumo, pois nem atinava onde se esconder. Pegando o leito lamacento do riacho que divide a cidadezinha, passou por baixo das duas pontes em direção à Várzea. Daí, cortou o morro na altura da casa de Seu Bento Papudo para ir se enfunar numa tapera da rua de Siá Francisca. Quase ninguém o viu chegar, enquanto, lá em baixo, o povo atônito via nas ruas fervilhar as mais contraditórias versões. Era o fuxico, essa generalizada diversão - o teatro e o cinema dos lugares pequenos.

O assunto rendeu o mês inteiro e renascia toda ocasião em que alguns namorados surpreendiam o vulto solitário de Mestre Ambrósio tossindo no alto do menino Deus. Era uma espécie de alma penada pelos escuros da noite. Enquanto este buscava ouvir os sons da Vitória. Lauro Sobral, semi-paralítico do fundo de uma rede, escutava os ensaios distante da Seis. Um ao pé do Menino Deus e o outro vizinho da casa de Bernadete de Seu Antônio de Bruno, ao lado da casa de Anacleto França, na rua da Caatinga. Dois músicos e maestros; os dois frustrados e infelizes e sobre ambos a iniquidade da sorte.

Faltava mês e pouco para a festa do Divino, a maior da Santa Maria da Vitória, quando Mestre Ambrósio conseguiu emprestado papel de pentagrama e tinta. Sentado no chão do mocambo, apoiado num banco de três pernas, o velho rabiscou firme, quatro dias.

As maniva de mandioca da roça iriam demorar ainda meses para lhe fornecer o sustento e ele se sentia pesado no orçamento miserável de sua amiga. Esta, por sua vez, se tornara feliz ao ver desaparecer, por instantes, da face do velho aquele profundo olhar de tristeza. E o contemplava, horas inteiras, cantarolando baixinho algum lundu, sem entender as centenas de bilros que ele, sofregamente, desenhava, com se, procurando imitá-la, elaborasse um rendilhado no papel de música.

Trocou com ele, várias vezes, as pitadas de um cachimbo de barro, enlevada, agora, com a expressão profundamente humana que naqueles quatro dias assumiu e seu olhar, antes sempre injetado de cor e de revolta. E foi com tamanho ardor o renascimento de um passado distante, cheio de amor e medo os dois ainda jovens - que ela mesmo desceu o morro a fim de pessoalmente vender as três partituras que Mestre Ambrósio produzira. Não se envergonhava de dizer que ele se homiziara no seu mocambo. A fome e uma afeição antiga impunham, ademais, buscar os adversários políticos para vender as peças musicais, pois a Seis era que mais estava necessitando de repertório novo.

Dois dobrados e uma valsa pra quinze figuras: mais de cinquenta páginas cobertas de arte. A valsa, Quinca Afonso comprou depois de ouvir o filho Zezito as partes de solo, da introdução até a coda. Achou-a bonita então regateou no preço. Pagou os dez mil réis pedidos e a ofereceu à Seis de Outubro com o título Maria de Lourdes, nome da filha caçula.

Um dobrado, comprou, também, por dez mil réis, o festeiro Joaquim Bodeiro, intitulando-o logo Dobrado Manoel Inácio de Oliveira, nome de Netinho, filho mais velho. Esse dobrado, apesar de bem trabalhado, foi infeliz nos primeiros ensaios. Netinho como todo filhinho de festeiro que ingenuamente imagina ser a banda de música uma propriedade do dono da festa, condenou à galhofa de seu próprio dobrado.

Com efeito, todas as noites, batia o bombo a fim de chamar os músicos para o ensaio. E o fazia com tanta força - coisa de adolescente que resultou rompendo o couro do instrumento Foi a conta. O maestro, daí por diante, quando anunciava o dobrado Manoel Inácio de Oliveira, provocava um burburinho de risos. Era o dobrado Fura Bombo e co esse nome ficou.

Para o outro não houve pretendente. Ninguém quis dar quinze mil réis por um dobrado. Por dez não faltaria comprador. No dia seguinte, Mestra Ambrósio o ofereceu de graça à Seis, com o nome de dobrado Para Todos. Era a sua obra prima. Nele havia jogado toda a sua inspiração. Só após Quinca Ataíde solfejá-lo de ponta-a-ponta é que verificou a beleza, a preciosidade da peça. Dobrado sinfônico de cinco partes com ligeiras fugas polifônicas e contacantos surpreendentes. Introdução grave e imponente prepara fácil o tema da primeira parte, marcada de um crescendo suave. Toda a linha melódica fora do costumeiros artifícios musicais das bandinhas do interior. O máximo de desenvolvimento individual e de cada naípe instrumental, mas dentro de uma rara homogeneidade harmônica.

O primeiro ensaio conjunto desse dobrado arrastou gente desde a praça do Pequiseiro, até onde chegaram os sons da Seis. Valia por todo repertório novo da Vitória.

Otoniel-de-Dona-Flormina, Alcides Papagaio, Morais de-Seu-Antônio Lisboa, Vanjú de-Cota-da-Rua-do-Riacho, Santinho de Chico Caburé e outro meninos assubiadores, de ouvidos bons, no dia seguinte, encheram as ruas e as tendas de alfaiate do dobrado Para Todos. Foi a coqueluche do lugar.

Mestre Ambrósio, do Alto do Menino Deus, apreciou por várias noites a evolução dos ensaios da Seis. Melhoraram dia a dia. Porém faltava ainda muito para apresentar o rendimento harmônico que o Para Todos exigia. Reconhecia-o pesado em demais para uma filarmônica formada de iniciantes.

Cinco dias antes da Festa do Divino, Quinca Ataíde se sentiu na obrigação moral de fazer uma visita a Lauro Sobral com o objetivo de conhecer-lhe a opinião sobre o trabalho que o próprio Lauro havia iniciado. Era uma espécie de prestação de contas e, ao mesmo tempo, uma homenagem com que julgava confortar o infeliz paralítico.

O encontro foi terapêutico para o inferno. Este reconhecia que a Seis, apesar de falha, com mais cinco dias de repassos, estaria em condições de abrilhantar a festa.

O diálogo foi curto porque o bombo já havia dado a segunda chamada.

- E as trompas, Quinca?

- Progrediram muito e mais ainda o soprano de Chico de Guarany

- Quem vai salvar tudo é o Para Todos. Durante o ano que eu estive no interior de São Paulo, onde eu arranjei essa sífilis amaldiçoada, nunca vi um dobrado mais belo e mais rico do que esse do velho Ambrósio. O preto parece que ali deu tudo que podia dar. Não tenho certeza, mas - Quinca Ataíde já o esperava - eu acho que está faltando qualquer coisa nele. Acho que.

- É, falta do bombardino

- Se Mestre Ambrósio escreveu a parte do bombardino, na falta deste, - reclamou Lauro por que não converter ela para o barítono ou ainda para o tenor

- Zeca Coimbra não aguenta Zeca é bom, porém tem dedo enferrujado e a parte é toda cheia de acidentes. De mais a mais exige muita execução. Se você quer ver vou mandar buscar em casa agora mesmo. E já foi pegando o menino mais próximo para dizer a dona Naninha que mandasse aquela folha de papel que estava sobre a cama de Reinaldo.

Ao passa a vista na parte do bombardino o inferno vibrou e, de repente, parou os olhos fuzilantes em um ponto fixo do telhado. Refletiu meio minuto e erguendo com sacrifício a cabeça e o tronco, na rede incômoda, surpreendeu os circunstantes.

- Arranje Chico Caburé, Joaquim Piçarra e mais uns dois carregadores pra me levar na rede até à praça, que hoje o Para Todos sairá completo.

Deijinha, a irmã, e Siá Maria-de-Zé-Sobral, a mãe, cheias de cuidados e quase se desmaiando de medo, soltaram logo uns " Deus lhe defenda!" co cara de choro.

- Não carece cuidado obstinava Lauro querendo se sentar na rede. Basta arranjar dois travesseiros para calçar os ombros que eu fico bem sentado no canto da sala. A mão direita está boa e minha boca já desentortou muito. Chamem os cerregadores e, nervoso - me façam essa caridade.

Foi um rebuliço em toda a rua da Caatinga. Aquele estranho préstito puxado por uma rede, lembrando um enterro de brejeiro, arrastou enorme multidão à Esquina de Arnaldo Borba, onde ensaiava a Seis, na Praça da Bandeira.

A rede penetrou inesperadamente, porta-adentro, na sala cheia de estantes, onde os músicos, retransidos de susto, interromperam os últimos afinamentos.

Escorado nos travesseiros e com o bombardino a tiracolo, Lauro Sobral experimentou rapidamente o instrumento e os dedos nas passagens mais difíceis do dobrado. Foi questão de segundos e os músicos, seus discípulos, ficaram radiantes ao verificar o ressurgimento do maestro de ontem. Correu por todas as veias o frêmito desses momentos de extrema emoção, sobremodo quando, após a introdução do Para Todos, o bombardino, em florituras impressionantes, costurou de ponta a ponta, notas limpas e impecáveis, a primeira parte.

No Alto do Menino Deus, Mestre Ambrósio empertigou-se. Sentia-se arrebatado. Aqueles sons eram a sua alma, o seu sangue, e sua tosse, a sua fome, a sua vergonha, a sua vida. Teve vontade de correr.

À medida em que se desenvolviam as outras partes do dobrado sinfônico, os músicos percebiam que o bombardino descortinava todo um novo ângulo estético da peça. Na altura do trio, enorme multidão se acotovelava na frente da casa, em silêncio, mas de tal forma vibrante que Quinca Ataíde, também

emocionado, chamou os músicos ao ritornello, à repetição. Foi um delírio sem precedentes. Tudo indicava que músicos e instrumentos iriam se desmanchar no entusiasmo e a banda parecia que passara de quinze para trinta figuras. E, como se não bastasse todo aquele mundo de emoções irreprimidas, qual um fantasma saindo do chão, maltrapilho, alquebrado, barba crescida, olhos fundos e marejados, o Mestre Ambrósio penetrou, de súbito, no recinto.

Multiplicaram-se as cabeças inquietas dos curiosos que disputavam as quatro janelas da sala. Eletrizaram-se os músicos. E Quinca Ataíde entregou-lhe a batuta. Repetiu-se mais uma vez o Para Todos, aqui e acolá entrecortado de aplausos incontidos. No meio do dobrado o velho sofreu um acesso de tosse. Procurou coibi-la devolvendo a batuta a Quinca Ataíde e buscando um copo d'água no corredor vizinho, com a moradora, Siá Luzia de Luíz.

Não voltou para os braços dos músicos e da enorme assistência que o aguardavam ansiosos. Saíram misteriosamente pelos fundos da casa.

Nesta noite Santa Maria não dormiu, o povo procurando Mestre Ambrósio por todo canto. Ao amanhecer, canoieiros atiravam redes, inutilmente, ao longo do Rio Corrente, na procura de um corpo afogado.

Caminhada de vinte léguas até o São Francisco e cento e cinquenta de balsa, salpicadas de sangue tossido á procura de caridade.

Morreu solitário a seis léguas de Juazeiro, entre indigentes do Sanatório de Carnaíba.

Casa de Detenção
Recife, 2 de Janeiro de 1965

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

o
cair
de
ícaro
sempre
nos
derruba
da
escada
de
Jacó

CARLOS MOREIRA